

Literatura Judaica e o Intertexto Bíblico

Hebrew Literature and the Biblical Intertext

LUIS SÉRGIO KRAUSZ

Mestre em Letras Clássicas pela University of Pennsylvania (USA) e Doutor em Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo, com estágio de pesquisa na Universidade Livre de Berlim (Alemanha). Professor Livre-Docente de Literatura Hebraica e Judaica na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Brasil.

RESUMO Este artigo analisa o desenvolvimento do uso de expressões, citações, alusões e referências provenientes dos textos da bíblia hebraica no desenvolvimento de uma literatura profana em hebraico. Tomando como ponto de partida o surgimento de uma lírica profana hebraica no contexto da Andaluzia do Século de Ouro, discute-se o surgimento da moderna literatura hebraica na Alemanha do fim do século XVIII, para então refletir sobre os desdobramentos desta literatura ao longo do século XIX e sobre o papel aí desempenhado pelo acervo de referências bíblicas. No século XX, o nome de S. Y. Agnon surge como o mestre incontestado na arte de jogar com o intertexto bíblico, na medida em que ele toma fragmentos da tradição e os emprega, em sua obra, com propósitos irônicos. A Bíblia, por meio de suas referências, cria, em toda a tradição da literatura hebraica diaspórica, um texto oculto, subjacente às obras literárias criadas em seu idioma, multiplicando as dimensões desta literatura. Esta dimensão oculta, porém, perde-se entre os autores que têm o hebraico como língua-mãe, e não como uma língua reservada a âmbitos sagrados e metafísicos.

PALAVRAS-CHAVE Literatura Hebraica; Bíblia; intertextualidade; S. Y. Agnon.

ABSTRACT This article analyses the development of the use of expressions, quotations, allusions and references from the texts of the Hebrew Bible in the development of a secular literature in Hebrew. Departing from the origins of the profane lyrical poetry composed in Hebrew in Andalusia, during the Golden Century, it discusses the origins of modern Hebrew literature in the XVIII century Germany and then proceeds to examine the development of this literature in the XIX century in Eastern and Central Europe. In the XX century, the name of S. Y. Agnon appears as the undisputed master in the art of playing with the biblical text, insofar as he employs fragments of the tradition with ironic purposes in his works. The Bible, by means of its references, creates a hidden text, as it were, surrounding all Hebrew literature and multiplying its dimensions. This hidden dimension, however, will disappear among authors for whom Hebrew was a mother-tongue, and not a language reserved to sacred, metaphysical realms.

KEYWORDS Hebrew Literature; Bible; intertextuality; S. Y. Agnon.

DURANTE AS LONGAS DIÁSPORAS JUDAICAS, O TEXTO BÍBLICO, ASSIM COMO SEUS comentários, serviu como um elemento aglutinador de um povo sem terra, que atravessou os séculos em migrações por todos os quadrantes do mundo. Espécie de santuário portátil dos judeus, análogo à Arca Sagrada (que, segundo o relato bíblico, foi levada pelos hebreus em seus 40 anos de peregrinação do Egito à Terra de Israel), o texto bíblico exerceu o papel de fulcro da vida espiritual judaica, de maneira que o seu conhecimento tornou-se imprescindível para todos os membros deste povo, não só como um formador de identidade cultural, mas, sobretudo, como um repertório de valores religiosos e de paradigmas destinados a nortear o homem ante os dilemas propostos pela existência.

É notável, ao longo de toda a história da diáspora judaica, o elevado grau de alfabetização verificado em suas populações (sobretudo entre os homens): o conhecimento do hebraico e do texto bíblico foi visto, desde sempre, como um imperativo inescapável e como uma necessidade básica do judeu. Mesmo entre populações sujeitas a

condições de vida muito precárias do ponto de vista material, o estudo e o conhecimento do texto bíblico jamais foi negligenciado.

Não surpreende, portanto, que, nos dois momentos de florescimento notável de uma literatura profana em língua hebraica – na Andaluzia do Século de Ouro e na Europa Central na passagem do século XVIII para o século XIX –, esta literatura tenha sido marcada pelo texto bíblico. É preciso lembrar que, muito embora estudado em todos os momentos da diáspora judaica, o hebraico passou os séculos como um idioma reservado aos âmbitos religiosos – os estudos da tradição espiritual e as preces – e, como tal, afastado da vida quotidiana, como um idioma sagrado, distanciado da vida material. Seu primeiro renascimento como língua empregada para dar expressão a uma literatura de caráter profano ocorreu, como foi dito, na Andaluzia do Século de Ouro, um período em que o florescimento da poesia árabe incitou os literatos judeus à criação de uma lírica em língua hebraica, fortemente influenciada pelos modelos da lírica grega, que chegavam à Andaluzia em traduções para o árabe.

Como forma de afirmação de uma identidade cultural distinta e, ao mesmo tempo, de redescoberta dos elementos estéticos típicos do texto bíblico, esta lírica hebraica profana faz uso constante de imagens, figuras de linguagem, expressões idiomáticas e modelos narrativos provenientes do texto bíblico. Dan Pagis (1970), em seu estudo sobre poesia medieval secular, afirma que os poetas usavam versículos inteiros e partes de versículos bíblicos, integrando-os em novos contextos. A Bíblia era parte inseparável da educação de qualquer pessoa instruída, e o fragmento de um versículo é também uma alusão ao versículo inteiro, e ao contexto em que aparece na narrativa bíblica.

Para os leitores, portanto, este sistema de alu-

sões e sugestões funciona como uma grande caixa de ressonância da tradição. O uso de termos, fragmentos de versículos ou mesmo de características próprias da narrativa bíblica nesta lírica hebraico-andaluza do Século de Ouro confere a esta poesia uma espécie de subtexto implícito ou aludido, que se revela ao leitor-ouvinte culto e conhecedor do texto bíblico nas entrelinhas dos poemas: alusões a passagens bíblicas (e, conseqüentemente, a seus contextos e às diversas camadas de seus significados) estão presentes nesta poesia como uma espécie de narrativa secundária, apenas sugerida ou evocada, mas não por isto menos eloquente. Assim, o intertexto bíblico surge como um elemento inseparável da lírica hebraico-andaluza, uma vez que o idioma hebraico está, para o leitor formado na tradição da cultura hebraica, inevitavelmente imantado pelo texto do *Tanach*.

Estando distanciado da vida quotidiana, o hebraico sagrado atravessou os séculos da diáspora sem “contaminar-se”, por assim dizer, com os conteúdos da vida profana. Seu caráter exclusivo o tornaria inseparável de seu texto primordial, a *Torá*, dos demais livros bíblicos e também das tradições secundárias da Mishná e dos grandes comentadores. Carregadas por estes contextos literários e, ao mesmo tempo, separadas das realidades materiais da existência, as palavras hebraicas tornaram-se fragmentos das histórias imperecíveis por elas enunciadas nos livros sagrados do judaísmo. Em semelhante contexto, a intertextualidade não é apenas inevitável, mas é necessária: os vocábulos hebraicos simplesmente passaram os séculos apegados, exclusivamente, a contextos metafísicos e, uma vez trazidos para outras esferas, como na expressão de uma lírica profana, não conseguem desvencilhar-se destas cargas, que se sobrepõem ao texto como narrativas ou fragmentos de narrativas secundárias.

Ao abordar as características do texto literário, e em particular do romance, Bakhtin (1993) afirma que sua tessitura se transforma numa arena na qual se confrontam as línguas de uma determinada cultura. A heteroglossia característica do texto literário constitui-se a partir do diálogo complexo entre estas línguas diversas. O renascimento de uma literatura hebraica de caráter secular na Andaluzia do Século de Ouro se dá sob o signo desta heteroglossia, isto é, deste diálogo entre os vocábulos e as frases hebraicas extraídos de seus contextos originais e colocados pelos poetas em novos contextos. As faíscas resultantes deste deslocamento são parte integrante do conteúdo poético desta lírica, visíveis apenas para aqueles que conhecem seus contextos originais. Neste sentido, a intertextualidade é um aspecto fundamental de uma poética que se constrói sobre os fragmentos de histórias eternas, como casas que fossem construídas com os escombros de antigos templos, para usar uma metáfora criada por Bruno Schulz (2000) em seu ensaio “A mitificação da realidade”.

Com o surgimento de uma literatura hebraica de caráter modernizante na Europa Central e do Leste no fim do século XVIII, as circunstâncias linguísticas permaneciam, ainda, inalteradas: o hebraico continuava a ser, nesta região e nesta época, uma língua reservada aos âmbitos da metafísica e da lei, em todos os seus estratos – do bíblico ao rabínico. Este segundo renascimento de uma literatura profana em língua hebraica dá-se no contexto do movimento da *Haskalá* ou Iluminismo Judaico, profundamente influenciado pela *Aufklärung* alemã, e que tinha como objetivo primordial uma transformação radical na condição judaica, que até então era uma condição de exclusão social e de encerramento em si mesma. O objetivo da *Haskalá*, condizente com o objetivo da-

queles estadistas que pretendiam tornar os judeus cidadãos “úteis” aos países em que residiam, era o de permitir aos judeus o ingresso nos círculos respeitáveis de sociedades burguesas, integrando-os à lógica de estados modernos, orientados por códigos de leis civis, independentes dos valores clericais. Para tanto, tornava-se imperiosa uma modificação radical na cultura judaica, fechada, cristalizada nos guetos, e uma abertura para formas de pensamento típicas da modernidade oitocentista, orientadas pelo racionalismo e pelo progresso, que punham em xeque uma série de valores cristalizados da tradição.

É também no contexto de um projeto de melhoria e transformação dos judeus através da cultura moderna que ressurge o hebraico como língua empregada na criação literária. Segundo Moses Mendelssohn, patrono da emancipação judaica e da *Haskalá*, a língua dos judeus, o ídiche, seria uma língua impura e contaminada, uma mistura desorganizada de elementos do alemão e de elementos do hebraico. O renascimento e a emancipação do povo judeu só poderiam dar-se, conforme o pensamento de Mendelssohn, por meio da adoção de idiomas gramaticalmente organizados, capazes de propiciar formas de pensamento e de comportamento compatíveis com o conceito de civilização de seu tempo. Assim, para Mendelssohn e seus seguidores, era imprescindível que, com o propósito de se integrar aos novos tempos e à nova sociedade, os judeus adotassem idiomas “puros”. Ora, o hebraico, assim como as línguas da antiguidade clássica, desfrutava de grande prestígio nos meios culturais alemães e europeus de um modo geral. Visto como língua erudita, estudado em todas as grandes universidades da Europa, o hebraico tornou-se, aos olhos de Mendelssohn, uma espécie de passaporte para a civilização e para a modernidade.

Com o propósito de cultivar esta língua elevada, e assim promover o avanço cultural dos judeus, Mendelssohn cria, em 1783, em Königsberg, a revista *Ha-Meassef*, cujo propósito é estimular a criatividade intelectual e literária em língua hebraica. Escrever uma obra literária em hebraico significava, a esta altura, constituir um universo imaginário num idioma que não era falado na vida real, e criar uma ilusão de realidade numa língua puramente literária. Era, sobretudo, inventar uma nova identidade secular hebraica. Aos olhos dos novos hebraístas, era a língua da Bíblia que possuía a aura de prestígio cultural, enquanto que o estrato rabínico da língua hebraica rabínico estava associado ao mundo do *cheder* e do gueto, do qual pretendiam sair.

O nome de maior destaque na literatura hebraica que surge em torno de *Ha-Meassef* é o de Naf-tali Herz Wessely (1725-1805), que criou um épico hebraico em versos alexandrinos intitulado *Shirei Tiferet*, no qual narra a história de Moisés. O texto de Wessely fundamenta-se no hebraico bíblico, e sua temática é inteiramente derivada da *Torá*. Assim como em outros autores deste primeiro período do renascimento moderno da literatura, não se pode falar rigorosamente de intertextualidade: trata-se, mais, de uma espécie de pastiche monoglós-sico, em que um bordado de frases derivadas de fontes bíblicas evidencia o grande empenho do autor em cultivar um hebraico puro, livre das influências do aramaico observadas no hebraico rabínico, e de restituir à língua uma suposta pureza canônica sobre a qual os séculos de exílio acumularam grossas e persistentes camadas de “impurezas”. A poesia de Wessely e de seus contemporâneos, assim, torna-se o equivalente hebraico da poesia sublime e da prosa decorosa do classicismo alemão.

A emancipação dos judeus alemães, seu abandono do ídiche ou do *jüdisch-deutsch*, e o desman-

telamento dos muros e portões dos guetos ocorreu de forma bastante súbita, com as guerras napoleônicas. Ao contrário do que imaginava Mendelssohn, porém, o hebraico, com todos seus supostos poderes redentores, perdeu completamente sua antiga importância entre os judeus emancipados, muito mais interessados em adquirir a *Bildung* (formação humanística) de molde alemão do que em cultivar seu passado tribal. Duas décadas após sua criação, depois de passar por muitas dificuldades, a revista *Ha-Meassef* fechou suas portas, colocando um fim ao efêmero renascimento das letras hebraicas em terras alemãs.

A semente plantada pela *Haskalá*, porém, espalhou-se pelas comunidades judaicas mais a Leste, notadamente as da Galícia, antiga província polonesa, fortemente povoada por judeus, que se encontrava sob o domínio dos Habsburgos desde 1783. Influenciados pelos seus contatos com a burguesia comercial judaico-alemã, mercadores galicianos trouxeram consigo de Leipzig e de outras grandes feiras alemãs as novas ideias, e centros da *Haskalá* surgiram em cidades galicianas como Brody, Tarnopol, Lemberg e outras. Nestas surgiram, igualmente, publicações hebraicas destinadas à transformação e modernização cultural dos judeus, assim como as Escolas Israelitas Alemãs, fundadas sobre os valores da *Haskalá* e mantidas pelo governo imperial austríaco, com vistas à integração dos judeus na lógica política e econômica da monarquia habsburga.

Para além das fronteiras do Império Austro-Húngaro, no Império Russo, as novas ideias, e com elas o novo papel atribuído à língua hebraica, arraigaram-se, deslocando, assim, o centro da criatividade literária hebraica para dois novos centros: a Galícia e a Lituânia.

Novamente, os estratos bíblicos do hebraico, vistos como os mais puros, são os privilegiados

por estes escritores, dentre os quais se destacam os nomes de Joseph Perl (1773-1839), autor de obras satíricas que criticam impiedosamente o hassidismo, e o de Avraham Mapu (1808-1867), autor de romances históricos, frequentemente ambientados em tempos bíblicos. Mapu, assim como muitos outros autores do iluminismo judaico, parece fascinado pela magia das frases bíblicas, denominada *Melitsá*. Com base nestas convicções estéticas, ele produziu romances que, como a épica de Wessely, parecem mais pastiches de fragmentos bíblicos. No entanto, a intertextualidade bíblica é parte integrante de seu jogo literário: seu propósito parece ser o de reconstituir uma integridade judaica perdida no tempo. Para tanto, ele ergue seus edifícios literários tomando por ponto de partida aqueles fragmentos da tradição que, preservados por meio da pureza da língua hebraica, chegaram incólumes ao seu tempo. Seu romance *Ahavat Zion*, por exemplo, ambientado nos tempos do profeta Isaías, reatualiza o idílio e a simplicidade das narrativas bíblicas, instilando nova vida a uma língua que, no entender de Mapu, parecia desgastada por séculos de discussões estéreis.

Segundo Yossef Klausner (1972), livrar-se da língua da casuística rabínica e inspirar nova vida aos ossos ressecados da cultura hebraica, por meio da criação de histórias seculares nesta língua antiga, era o propósito dos autores da *Haskalá*. E ao tentar dar nova vida ao idioma hebraico, tentavam, igualmente, dar nova vida ao povo judeu.

É com este propósito que Mapu retorna aos estratos mais antigos da língua, ao *Tanach*, do qual recupera a vitalidade e o frescor perdidos nos séculos da diáspora. Sua literatura, assim, enfatiza a melodia da língua original, conhecida como *Melitsá*, descartando todos os estratos mais recentes do hebraico. Segundo Even Shoshan (2003), *Melitsá* significa “fraseologia bombástica, construída de versos

das escrituras e da inserção de seus fragmentos dos textos bíblicos”. Este procedimento, juntamente com o do *Shibutz*, que é a inserção de fragmentos de versos do *Tanach* no tecido de uma obra literária, é um dos procedimentos ornamentais tradicionais da literatura hebraica, já empregado pelos poetas do Século de Ouro da Andaluzia. Tais inserções acrescentam prestígio ao texto literário, enriquecem-no com a harmonia das palavras inseridas e ostentam a erudição do autor. A intertextualidade, aqui, se dá de maneira explícita, mas também implícita, por meio da alusão, como foi dito acima, aos contextos dos quais foram extraídos os versículos ou fragmentos de versículos interpolados.

Se, portanto, os autores da *Haskalá* fazem uso de um tipo rudimentar de intertextualidade, têm como propósito um retorno às origens religiosas e históricas da língua hebraica e uma abolição de todos os supostos desvios causados pelos séculos de florescimento de uma cultura exílica, vista por eles sempre a partir de um ponto de vista negativo.

É só na obra de S. Y. Abramowitz, mais conhecido como Mendele Moikher Seforim, que a intertextualidade bíblica passa a ser usada não mais com finalidades edificantes ou didáticas, mas irônicas e sarcásticas: em suas obras em língua hebraica, Abramowitz subverte os contextos originais dos trechos e das expressões bíblicas que introduz em suas narrativas, criando efeitos cômicos e rompendo a aura de solenidade e veneração que paira em torno da língua hebraica entre os cultores da *Melitsá*. Sua prosa de caráter realista, voltada para a denúncia severa das condições abjetas em que vivem os judeus da *Zona de Residência* do Império Russo, passa a utilizar as camadas bíblicas do hebraico em contraposição a todas suas camadas mais recentes, e é do diálogo e do confronto entre estes diferentes estratos do hebraico que se constituem seus romances, correspondendo às

ideias bakhtinianas acerca da prosa romanesca como uma arena de diálogo entre diferentes línguas – no caso de Mendele, a língua de Bíblia, a língua de Mishná, a língua do Talmude, etc. Mendele tem uma maneira inteiramente pessoal de contrapor e de sintetizar estes diferentes estratos da língua, que, nas palavras de C. N. Bialik, fizeram dele o criador de um novo *Nussach*, um novo modo de recitar o hebraico, cuja influência ainda hoje se faz sentir no hebraico moderno.

Bialik, discípulo de Mendele, retoma, em sua poesia e em sua prosa, elementos bíblicos – linguísticos tanto quanto temáticos –, frequentemente aplicando-os a contextos que se opõem de maneira diametral ao de suas fontes. Se o texto bíblico serviu como um referencial perpétuo da cultura judaica, os movimentos políticos e culturais judaicos dos séculos XIX e XX dele se apropriaram para seus propósitos – como Bialik, que usa imagens bíblicas para fazer a apologia do sionismo e negar a tradição. Notável neste sentido é seu poema “Os Mortos do Deserto”, em que o autor subverte a lógica da narrativa bíblica ao trazer de volta à vida gigantes titânicos que jazem no deserto desde os tempos do Êxodo, e aos quais atribui um significado oposto ao da tradição. Outro exemplo é o de Pertz Smolenskin (1842-1906), líder do movimento progressista nacional, que, em seu romance *Hatoeh bedarhei ha-hayim* (*Um errante nos caminhos da vida*), desmascara os horrores da vida da diáspora por meio do uso extensivo de metáforas bíblicas descontextualizadas, empregadas com grande efeito retórico.

O mestre incontestável da intertextualidade bíblica na moderna literatura hebraica, porém, é S. Y. Agnon (1873-1934). Formado na tradição espiritual do judaísmo leste-europeu e grande conhecedor de todos os textos clássicos do judaísmo, Agnon emprega com grande destreza, em sua prosa,

todos os estratos da língua hebraica e todos os elementos da tradição religiosa.

Sua obra, à primeira vista, parece a obra de um autor piedoso que busca reforçar os valores da tradição – e assim foi considerada por boa parte da crítica israelense nos anos 1930 e 1940. Uma leitora mais cuidadosa da obra de Agnon, porém, mostra-nos um autor que, com finíssima ironia, questiona esta tradição por meio de seu próprio acervo de frases feitas, citações, imagens e metáforas. Para Gershon Shaked (1989), Agnon é um “revolucionário tradicionalista” e sua obra é uma grande caixa de ressonância da tradição espiritual do judaísmo. Mas no interior desta caixa os ecos aparecem com seus significados invertidos. A intertextualidade com os textos da tradição hebraica que Agnon emprega em toda sua obra produz efeitos surpreendentes e leva seus leitores de encontro a dúvidas, questionamentos e perplexidades que são típicas do homem moderno – e não do homem tradicional. Assim, Agnon faz uso da tradição, evoca a tradição e por vezes a reitera, mas, ao mesmo tempo, a questiona, indaga-se acerca da sua validade eterna, e a insere em contextos ambivalentes e sarcásticos.

É importante enfatizar que Agnon emprega todos os estratos da tradição textual do judaísmo, e não só o estrato bíblico, com este propósito. Mas enquanto livro central da cultura hebraica, a Bíblia está presente em Agnon, por meio de seus reflexos em obras de outros períodos, por meio de imagens e de enredos, por meio de metáforas, de trechos, de fragmentos de trechos. Neste sentido, Agnon retoma, no século XX, expandindo-os, os procedimentos dos poetas do Século de Ouro da Andaluzia apontados por Dan Pagis e mencionados acima: seu leitor ideal, aquele que é capaz de perceber toda a pletora de alusões, sugestões e ironias de suas obras, é aquele que, como o próprio Agnon, conhece profundamente as obras cardinais

da tradição textual hebraica e que sabe localizar, imediatamente, o contexto do qual foi extraída determinada expressão, determinada situação, determinada palavra.

Segundo Gershom Scholem (1957), o longo silêncio da língua hebraica, que permaneceu como uma língua puramente textual por mais de dois milênios, impôs sobre as palavras hebraicas enormes cargas metafísicas, sedimentadas por séculos de estudo e de reflexão. Ao trazer de volta ao mundo profano estes vocábulos, os escritores hebraicos trazem também, inevitavelmente, todas essas cargas. E Agnon realiza essa tarefa de maneira única, de tal forma que as alusões que pairam em torno de cada uma de suas páginas bastaria para preencher muitas outras páginas – páginas imaginárias que pairam à volta de cada um de seus livros. Efetivamente, contém mais de 700 páginas uma edição crítica, feita por Alan Mintz, do romance *Akhnasat Kalá* (1928) de Agnon, publicada em Israel nos anos 1990, na qual o editor se dá ao trabalho de fazer as remissões, a seus contextos originais, de cada uma das frases feitas, fragmentos de versículos, imagens e metáforas criadas pelo autor. O texto original do romance tem menos de 200.

Outra autora que, tendo recebido uma educação tradicional, normalmente reservada aos homens, faz uso extensivo da alusão ao texto bíblico é Dvora Baron (1887-1956), que frequentemente insere símiles bíblicos em suas histórias ambientadas na Europa do Leste e que constrói, à sua maneira, intertextualidades.

Entre os autores mais recentes da literatura hebraica, educados não mais nos moldes da tradição textual, mas que tiveram o hebraico como língua mãe, o texto bíblico segue como uma referência perpétua e como um manancial inesgotável de efeitos retóricos, imagens, modelos e estruturas nar-

rativas, e é empregado por grande parte dos autores israelenses do século XX e contemporâneos.

A delicadeza de alusões, porém, característica de escritores para quem o hebraico permanecia protegido por seu estatuto de língua sagrada, não faz mais parte do repertório desta nova geração israelense, que, desde sempre, fez um uso puramente instrumental desta língua.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética*. São Paulo: Edunesp, 1993.
- EVEN-SHOSHAN, Avraham. *Milon Even Shoshan*. Jerusalém: Magnes Press, 2003.
- KLAUSNER, Joseph. *A History of Modern Hebrew Literature*. Westport: Greenwood Press, 1972.
- PAGIS, Dan. *Secular Poetry and Poetic Theory: Moses Ibn-Ezra and his Contemporaries*. Tel Aviv, Bialik Institute, 1970 (Shirat Ha-Hol Ve-Torat Ha-Shir Le-Moshe Eben Ezra U-Vnei Dor).
- SHAKED, Gershon. *Shmuel Yosef Agnon – A revolutionary traditionalist*. New York: New York University Press, 1989.
- SCHOLEM, Gershon. *Die jüdische Mystik in ihre Hauptströmungen*. Zurique: Rhein Verlag, 1957.
- SCHULZ, Bruno. *Die Wirklichkeit ist Schatten des Wortes*. Munique: Deutscher Taschenbuchverlag, 2000.

Recebido em 22/03/2015

Aceito em 25/05/2015